

ARTIGO

As crianças e seus escritos no início do século XX: Anísio Teixeira e Mario Lima na produção do jornal o Bem-ti-vi***Children and their writings at the beginning of the 20th century: Anísio Teixeira and Mario Lima in the production of the newspaper o Bem-ti-vi***

Giane Araújo Pimentel Carneiro^a
gcarneiro@uneb.br

Ana Maria de Oliveira Galvão^b
anamariadeogalvao@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o perfil e as trajetórias das crianças envolvidas na produção do jornal *O Bem-ti-vi* e os seus escritos. O jornal *O Bem-ti-vi* circulou na cidade de Caetité, Bahia, entre 1912 e 1914. A coleção consta de 34 e ½ números preservados, dos 43 que foram publicados. Seus redatores foram os meninos Mario Teixeira Rodrigues Lima (1899-1973) e Anísio Spínola Teixeira (1900-1971). O estudo insere-se no campo da História da Educação, e mais propriamente na esfera dos estudos da História da Cultura Escrita. Ao propormos estudar a cultura escrita por meio do entrelaçamento do impresso com a categoria geracional infância, podemos conhecer melhor aspectos da educação da criança no período, que ultrapassam o processo de escolarização. A produção do jornal *O Bem-ti-vi*, provavelmente, foi uma experiência que agregou muitos conhecimentos ao processo formativo dos redatores, bem como no de todos os demais atores envolvidos, a começar pela atividade de leitura, de escrita, de seleção de textos e de organização da edição. O jornal era porta-voz de uma classe dirigente que tinha a função de alertar, educar e fazer-se reconhecida.

Palavras-chave: Jornal Infantil. Cultura Escrita. Infância. Impressos. Anísio Teixeira.

ABSTRACT

This paper analyzes the profile and trajectories of the children involved in the production of the newspaper *O Bem-ti-vi* and their writings. The newspaper *O Bem-ti-vi* circulated in the city of Caetité, Bahia, Brazil, between 1912 and 1914. The collection consists of 34.5 preserved issues of the 43 published. Its editors were the young men Mario Teixeira Rodrigues Lima (1899-1973) and Anísio Spínola Teixeira (1900-1971). This study is in the History of Education field, more specifically, within the History of Written Culture studies. By studying written culture intertwining printed materials and childhood, we can better understand aspects of

^a Doutora em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professora, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Ipanema, Guanambi, Bahia, Brasil.

^b Doutora em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Professora, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

children's education in the period, beyond the schooling process. The production of *O Bem-ti-vi* was probably an experience that contributed much to the formative processes of the editors and the other actors involved, starting with reading, writing, selecting texts, and editing. The newspaper was the voice of a ruling class whose function was to alert, educate, and gain recognition.

Keywords: Children's Newspaper. Written Culture. Childhood. Prints. Anísio Teixeira.

Introdução

*O nosso perfilado de hoje tem 11 annos (...)
fazemos votos para que se emende e torne um homem de bem,
um cidadão illustre, para servir a pátria e a família
(O Bem-ti-vi, 1913a, p. 4).*

Tornar-se “um homem de bem, um cidadão illustre, para servir a pátria e a família”. Eram esses os ideais pensados para o futuro das crianças nas primeiras décadas do século XX? Podemos dizer que, provavelmente, sim. Tratava-se, no entanto, de ideais pensados para as crianças de elites. As palavras foram escritas na seção “Perfil”, do jornal *O Bem-ti-vi*, em janeiro de 1912,¹ para referir-se a um colaborador anônimo do jornal e amigo dos meninos redatores. O que mais esse jornal deixou entrever nas suas páginas sobre as crianças e seus escritos?

O jornal *O Bem-ti-vi* circulou na cidade de Caetité, Bahia² entre outubro de 1912 e maio de 1914. A coleção consta de 34 e ½ números preservados, dos 43 que foram publicados; encontra-se disponível para pesquisa no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC). Inferimos que foi impresso na própria cidade pela *Typographia Gumes & Filhos*. Seus redatores eram Mario Teixeira impresso na própria cidade pela *Typographia Gumes & Filhos*. Seus redatores eram Mario Teixeira Rodrigues Lima³ (1899-1973), cuja idade era de 13-14 anos, e Anísio Spínola Teixeira⁴ (1900-1971), com 12-13 anos no período de circulação do jornal.

¹ Sobre esse jornal, ver a tese *As práticas educativas familiares no processo de distinção geracional criança/adulto em Caetité-BA, 1908-1930* (Carneiro, 2021), estudo que originou este artigo.

² Caetité localiza-se no sudoeste da Bahia. Na atual divisão territorial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município está localizado no Território do Sertão Produtivo. Nos estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre a região, tem-se adotado o termo “Alto Sertão” para falar desse lugar, conforme consta na documentação do período. A palavra Caetité originou-se dos termos indígenas: *Caa* (mata), *Ita* (pedra) e *eté* (grande) ‘mata da pedra grande’.

³ Nasceu em Caetité, em 1899, e faleceu em Salvador em 1973. Mudou-se de Caetité, em 1914, para estudar em Juiz de Fora e, em seguida, em Ouro Preto, Minas Gerais. Diplomou-se em Engenharia Civil na Escola de Minas de Ouro Preto no início da década de 1920. Exerceu o cargo de engenheiro, no Departamento de Obras e Viação, da Prefeitura Municipal de Salvador, conforme *Almanak Laemmert* (1930, p. 255). Faleceu de “acidose diabética”, conforme consta no seu atestado de óbito (APMC, 1975-1980).

O estudo sobre as culturas do escrito de uma dada sociedade pode nos fazer compreender diversos elementos que a caracterizam, na medida em que, ao debruçar-se sobre o lugar – simbólico e material – nela ocupado pelo escrito, nos revela sobre diferentes grupos sociais e suas estratégias de reprodução, inscritas em relações de poder (Galvão, 2010). Com base nesses pressupostos este artigo tem como objetivo analisar o perfil e as trajetórias das crianças envolvidas na produção do jornal *O Bem-ti-vi* e os seus escritos.

Ao buscar estudar a cultura escrita por meio do entrelaçamento do impresso com a categoria geracional infância (Gondra, 2010; Gondra; Garcia, 2004), podemos apreender aspectos da educação das crianças de elites que ultrapassam o processo de escolarização. Ao constatarmos que a maior parte das pesquisas concentra a atenção na escolarização como o processo por excelência de participação na cultura escrita, consideramos que o campo da História da Educação ainda carece de trabalhos que estudem a história da cultura escrita sob outras perspectivas.

A pesquisa histórica se depara com uma série de desafios próprios ao fazer historiográfico, devido às suas especificidades. Todavia, a apreensão de uma realidade passada, apesar de ser difícil, é possível, ainda que parcialmente. A melhor forma de lidar com essa questão é apurar o olhar sobre as fontes, elaborar as melhores perguntas possíveis para elas – as fontes não respondem nada sozinhas – e se munir de um arcabouço teórico-metodológico que dê conta de uma construção bem elaborada do problema. Segundo Chartier (2016, p. 15), “a história como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso do presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor”.

A produção do jornal *O Bem-ti-vi* possibilitou o registro da atividade das crianças pertencentes às elites econômicas e culturais com a imprensa, que nos foi legado por meio dos exemplares preservados. Dessa forma, utilizamos como fontes principais para este estudo exemplares do jornal *O Bem-ti-vi* e do jornal *A Penna*, além de cartas familiares e livros de memorialistas.

Inicialmente, apresentaremos esse impresso e, na sequência, o perfil dessas crianças e de alguns colaboradores do jornal com o intuito de responder às perguntas: quem eram essas crianças? Que experiências possibilitaram a elas produzirem um jornal? Como eram as experiências vividas na família e na sociedade local com a cultura escrita? Quem compartilhava com elas a produção do jornal?

⁴ Nasceu em Caetité, no ano de 1900 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1971. Diplomou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1922. Entre 1924 e 1928 iniciou sua carreira profissional como diretor-geral de instrução do governo da Bahia e promoveu a reforma do ensino no estado. Em 1926 reinstalou a Escola Normal de Caetité. Estudou na Universidade de Colúmbia e travou contato com as ideias pedagógicas de John Dewey. De volta ao Brasil, em 1931, atuou junto ao Ministério da Educação e Saúde. Foi presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE) e signatário do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Na década de 1950, foi secretário-geral da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e dirigiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Em 1963 foi nomeado reitor da Universidade de Brasília (UnB), mas foi afastado do posto em 1964. Nos anos seguintes, lecionou em universidades norte-americanas. Morreu no Rio de Janeiro, em 1971 (Anísio..., s/d).

O jornal *O Bem-ti-vi*

O jornal *O Bem-ti-vi* era identificado no seu cabeçalho como “Orgam da infância”, com circulação quinzenal. A sua redação, como dito anteriormente, era assinada por dois meninos: Mario Teixeira Rodrigues Lima e Anísio Spínola Teixeira.

No aniversário de um ano do jornal, a edição foi aberta com o texto abaixo, no qual deixaram-nos algumas evidências sobre o empreendimento:

Salvé 5 de Outubro

Por entre júbilos e esperanças, comemora hoje o nosso modesto “O Bem-ti-vi” o seu primeiro aniversário na trilha nobilitante da imprensa, e, olhando o seu passado, _ plácido e suave, como a própria infância: lembrando do incitamento que há recebido, anima-se e mais alegra-se, manifestando os seus agradecimentos sinceros aos seus leitores, cuja benevolência vae desculpando os senões de pennas vacillantes e não amestradas. Aos nossos distintos colaboradores_ também muitos agradecimentos. E com todos contamos até o dia em que arriarmos o bordão de romeiros, fracos, da imprensa indígena, onde trazemos punhados de ilusões fulgurantes, e risos cor de rosa, como a própria aurora.

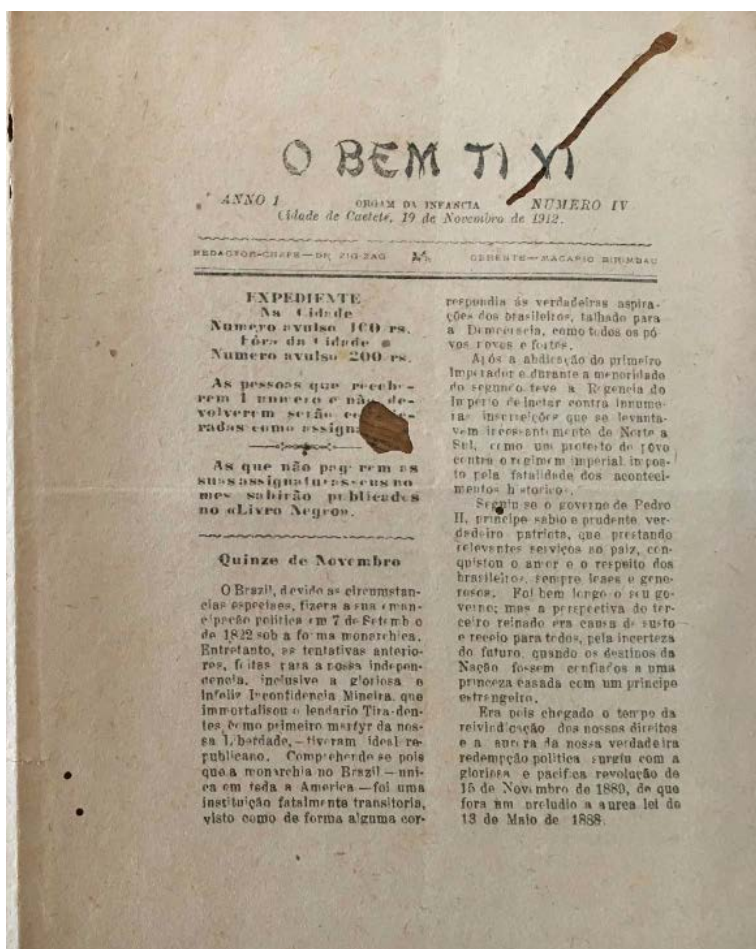
Que ainda por algum tempo “O Bem-ti-vi” continue a voar... voar... (O Bem-ti-vi, 1913d, p. 1).

Após um ano de existência, os editores comunicaram que o jornal que produziam era “modesto” e de passado “plácido” como a “própria infância”. Agradeceram o apoio e pediram desculpas pelas “pennas vacillantes”. Nessa mensagem, muito “modestamente”, se dizem imaturos para tal empreendimento, e afirmam que, com a ajuda dos colaboradores, persistirão.

O jornal apresentava-se no formato *in-folio*, dobrado uma vez, com duas folhas e quatro páginas. Era impresso em papel jornal com gramatura aproximada entre 33g/m² e 63g/m². A dimensão das suas páginas era menor do que a dos jornais que circulavam na cidade, variando entre 23 e 25 cm de largura e 31 e 35 cm de comprimento.

Em uma “carta honrosa”, o Coronel Antônio David disse que o jornal era “pequeno”, mas “bem acabado” (O Bem-ti-vi, 1913b, p. 2). A seguir, vemos a foto de um dos primeiros números do jornal:

Figura 1: Exemplar do jornal *O Bem-ti-vi* (ano I, n. 4, 1912)



Fonte: Acervo da Família do Barão de Caetité (APMC, 2012)

Os redatores do jornal *O Bem-ti-vi* e as trajetórias percorridas

Mario Teixeira Rodrigues Lima nasceu em 24 de maio de 1899, em Caetité. Era o filho primogênito de Joaquim Manoel Rodrigues Lima Junior⁵ e de Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima.⁶ A seguir vemos a foto de Mario, em pé, com seus irmãos Benjamin e Maria Celina, sentados à sua frente. A fotografia não está datada, mas provavelmente é do ano de 1905, quando Mario teria por volta de 5 a 6 anos. Ele já não usa mais o indistinto “camisolo” (Neves, 1986) dos meninos e meninas que tinham pouca idade, como seu irmão Benjamin.

⁵ Joaquim Manoel R. Lima Junior era filho do primeiro governador eleito da Bahia, no início da República, e de Maria Vitória Gomes Rodrigues Lima, filha do Barão de Caetité.

⁶ Alzira Spínola Teixeira Rodrigues Lima era filha de Deocleciano Teixeira e de Maria Rita Spínola Teixeira, neta de famílias tradicionais, de elites da região dos municípios de Ituaçu e Lençóis.

Figura 2: Fotografia de Mario com os irmãos



Fonte: Acervo da Casa do Barão de Caetité (APMC, 1906a)

A fotografia apresenta a imagem de três crianças de pele branca, bem vestidas, com aparência saudável, em um suporte de papel rodeado de margens decoradas com arabescos rebuscados. Parecem estar em um ambiente externo, devido provavelmente às condições rudimentares da arte fotográfica do período, que necessitava de condições especiais de luminosidade. Fazem parte do cenário duas cadeiras, simples, de madeira, a parede atrás e um desenho de porta à esquerda, conforme característica da arte fotográfica, na época, que utilizava técnicas como o retoque da imagem por meio da pintura, trazendo elementos que não faziam parte da cena original, segundo afirma Mauad (1996).

Assim como as crianças das elites da época, Mario foi alfabetizado em casa por familiares. Em Caetité, estudou inicialmente no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e na Escola Americana, até o ano de 1914, quando continuou os estudos em Minas Gerais, primeiramente, no Colégio Granbery, em Juiz de Fora, e depois na Escola de Minas de Ouro Preto, na cidade homônima, onde se formou engenheiro.

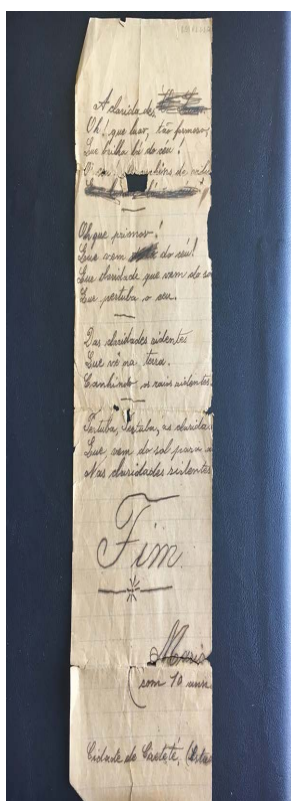
Em 19 de junho de 1908, então com 9 anos, foi premiado no Colégio Nossa Senhora de Lourdes “pelo seu bom procedimento, aplicação e assiduidade”, conforme cartão assinado pela professora Lia da Silveira Lima. Na Escola Americana, Mario se envolvia muito com as atividades escolares. Segundo uma nota do jornal *O Bem-ti-vi*, tinha a função de secretariar a Sociedade Literária da escola: “terminado o período do terceiro semestre, foram eleitos Presidente e Secretário

da Sociedade Litterária desta Escola: D. Petrina Cardoso e Albino Cahahyba, que vão suceder D. Antônia Castro e Mario Lima” (O Bem-ti-vi, 1913d, p. 1). O seu envolvimento com vários aspectos da vida escolar continuou, mesmo depois de sair de Caetité. Em maio de 1917, o jornal *O Pharol*, do Rio de Janeiro, publicou uma nota de autoria de Mario dizendo:

Comunico-vos que, em sessão do “Club Literario Coelho Netto” agremiação do Instituto “O Granbery” desta cidade – foi eleita e já se acha empossada a sua nova directoria, constituída pelos seguintes associados: Presidente, Trajano José da Costa; vice-presidente, José Martinho da Rocha; primeiro secretário, Genaro Vidal Leite Ribeiro; segundo secretário, Mario Teixeira Rodrigues Lima (...) Pedindo uma notícia em vosso conceituado jornal, relatando este facto, confessa-vos grato o vosso admirador – *Mario Teixeira Rodrigues Lima*, segundo secretário (O Pharol, 1917, p. 1, grifos no original).

Abaixo, vemos o rascunho de um poema da autoria de Mario, com 10 anos, escrito em um pedaço de folha de caderno ou de papel almaço, já desgastada pelo tempo, com marcas de dobras e buracos.

Figura 3: Poesia escrita por Mario



A claridades. [rasura]
Oh! que luar, tão formoso,
Que brilha lá do céu!
O céu! [ilegível]
[rasura]

Oh que primor!
Que vem [riscos] do céu!
Que claridade que vem do sol.
Que pertuba o céu.

Das claridades ridentes
Que vê na terra.
Canhindo, os raios ridentes.

Pertuba, Pertuba, as claridades
Que vem do sol para a [terra]
Nas claridades ridentes.

Fim

*

Mario
(com 10 annos)
Cidade de Caeteté, (Estado

Fonte: Acervo da Família do Barão de Caetité (APMC, 1909a).

O título do poema “O Luar” foi rabiscado e substituído por “A claridades” (percebe-se a falta do “s” no artigo “a”). Está estruturado no formato de soneto, com pequenos traços separando uma estrofe da outra. A letra cursiva já estava firme, com características próprias, como o leve inclinar para a direita, letras traçadas próximas umas das outras e letras maiúsculas destacadas. Vemos,

nesse texto, marcas do processo da escrita, o repensar, riscar e substituir palavras. O autor finaliza o texto escrevendo, em destaque, a palavra “Fim”, seguida do desenho de uma vinheta; assina seu nome, escreve a sua idade e, por último, especifica a cidade e o estado, evidenciando familiaridade com as convenções da escrita. Não foi possível fazermos mais deduções a respeito das condições de produção desse texto, se era, por exemplo, uma tarefa escolar, mas ele deixa indícios da sua prática de escrita, que poucos anos mais tarde foi utilizada na produção do jornal.

No jornal, Mario usava o pseudônimo de Dr. Zig-zag e, mesmo depois de assumir a identidade no cabeçalho como redator-chefe, os textos que publicava no corpo do jornal continuaram assinados como Dr. Zig-zag. A seguir, temos um quadro com os textos da sua autoria.

Quadro 1: Textos de Dr. Zig-Zag

Número	Título	Página	Espaço ocupado na página
II	Porque amo a minha Pátria	1-2	$\frac{3}{4}$ de página
III	O que a lua viu durante a noite	1	$\frac{1}{2}$ de página
IV	A riqueza	2	$\frac{1}{2}$
VII	O futuro da Bahia	1-2	$\frac{3}{4}$
VIII	A circunstância	1	$\frac{1}{3}$
XXVIII	Guilherme na escola	3	$\frac{1}{2}$
XXIX	Anagrama: Viva o grande estado federado da Bahia (cidades da Bahia)	3-4	$\frac{1}{3}$

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir dos exemplares do jornal disponíveis no APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité.

Percebe-se que os textos dele, como redator-chefe, no geral, vinham na primeira página, e ocupavam entre metade ou mais do seu espaço.

Nos últimos dois números do jornal, temos textos assinados pelo nome “Mario”. O primeiro foi na penúltima edição, número 42, e o outro foi o texto de despedida, na edição de número 43, assinados por Mario e Benjamin. Inferimos que, além desses textos citados, Mario tenha publicado mais dois textos, entretanto sem utilizar o pseudônimo de Dr. Zig-zag, nem a identidade real, mas o seu nome ao contrário, “Oiram Amil”, em um texto de 4 de agosto de 1913, com o título “As descobertas II”, sendo continuação de outro, que foi publicado em um dos exemplares não localizados na pesquisa.

O processo de escolarização⁷ de Mario, no período de produção e circulação do jornal *O Bem-ti-vi*, se deu na Escola Americana (1912-1926), criada pela ação de missionários presbiterianos. Anísio Teixeira, por sua vez, como veremos a seguir, estudava, no período, no Instituto São Luiz Gonzaga (1912-1925), um colégio de padres Jesuítas, em Caetité. Convém atentarmos para essa singularidade, devido ao pertencimento religioso de ambas as instituições e as disputas políticas envolvidas.

⁷ Antes de estudar na Escola Americana, a documentação localizada sobre seu processo de escolarização indica que estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, de propriedade de sua tia-avó Priscilla de Souza Spínola.

A instalação dessas escolas mobilizou a cidade, o poder político local e a religiosidade do povo, pois se tratava de disputas entre o domínio tradicional da Igreja Católica e a “ameaça” do avanço do protestantismo. O predomínio era da Igreja Católica, desde os primórdios de criação da vila, enquanto a presença de pastores protestantes, na região, ocorreu aproximadamente no início da primeira década do século XX.⁸

Protestantes batistas foram os primeiros a percorrerem a região alto sertaneja, a partir de 1903. Em 1909, protestantes presbiterianos iniciaram a ação evangelizadora. No entanto, é no ano de 1911 que uma família protestante, constituída pelo casal Henry e Margareth Mac Call, com uma filha criança, fixou residência na cidade e instalou a Igreja. No ano seguinte, avançaram a ação educacional com a criação da Escola Americana, sob a direção de Margareth (Margarida) Mac Call. Em estudo sobre as ações da Central Brazil Mission, no Alto Sertão, Jamir Guimarães da Silva (2020) afirma que a instalação e a atuação da escola foram permeadas por embates e tensões, envolvendo disputas de poder religioso e, principalmente, político.

A Escola Americana e o Instituto São Luiz foram instalados no mesmo ano de publicação do jornal *O Bem-ti-vi*, em 1912. Uma carta, entre as irmãs Alzira e Celsina Teixeira, faz referência às atividades da Escola Americana, em março daquele ano.

Caetité, 30/03/1912

De Alzira para Celsina

Mario e Benjamin estão no collegio de D. Margarida; que tem uns 30 alumnos entre moças, meninos e meninas. O systema é todo differente, todo pratico. Ella espera uma professora, ou talvez arranje uma por aqui; nesta occasião ensinará mais: Inglez, musica e desenho. Maria Regina, Anna Rufa e outras estão praticando com Ella para no futuro ajudal-a (APMC, Alzira. Carta para Celsina, 1912).

A ênfase na carta é dada aos diferenciais trazidos pelos presbiterianos, o que significava muitas novidades para a sociedade caetiteense – a coeducação e o método prático.

Segundo Leda Sellaro (1989, p. 26),

os colégios protestantes foram prestigiados não só por estrangeiros e brasileiros protestantes, mas por setores progressistas, não protestantes da sociedade brasileira. Estes grupos que apoiavam a nova forma de educação defendiam, também, os valores e as idéias que ela veiculava, que compunham, no Brasil, a ideologia da modernidade.

A proposta pedagógica das Escolas Americanas substituiu “a cantilena pela qual se aprendiam as sílabas e as tabuadas pelo método intuitivo e silencioso, e enfatizavam a compreensão sobre a memorização” (Sellaro, 1989, p. 31). Ao inovarem no âmbito escolar, os protestantes alcançavam outros aspectos, conforme afirma Ester Fraga Vilas-Bôas (2001, p. 35-36), institucionalizando “os hábitos, a alimentação, a maneira de ser, sentir e viver, procurando refletir a concepção

⁸ Na cidade, coexistiam várias religiões, em 1912: catolicismo, protestantismo, espiritismo e religiões de matrizes africanas.

norte-americana de educação, facultando assim o projeto cultural norte-americano, o qual se apresentou como parâmetro de progresso, felicidade, democracia, civilização, bem-estar”.

Mario, em outubro do mesmo ano que começou a frequentar a Escola Americana, iria fundar *O Bem-ti-vi*. O jornal publicou uma matéria sobre o evento comemorativo de encerramento do ano letivo de 1913 da Escola Americana, em que “o projeto cultural norte-americano” ficou bem evidenciado:

Naquela tarde de festa, num ambiente de alegria e de paz, numa casa de ensino cheia de luz e de ar, sentia-se a impressão consoladora de quem antevê o porvir promissor e fagueiro, como uma aurora fulgente e rósea, numa antítese á noite do analphabetismo, pavorosa e tétrica, cujo manto cahe sobre este sertão. Compareceram os oitenta alunos que frequentam a escola (*O Bem-ti-vi*, 1913e, p. 3-4).

Essa escola, que, segundo a nota agiria contra o analfabetismo, teria influenciado a criação do jornal? O clima de euforia que, provavelmente, dominou as elites da cidade com a criação de dois importantes colégios, mesmo que de forma indireta, certamente teve sua importância nesse processo, contribuindo para a motivação, os conhecimentos escolares necessários para a escrita dos textos, para as leituras e para a organização do jornal. Além disso, será que a professora Mac Call, que foi assinante, interferiu de forma mais incisiva na sua criação? Não sabemos, mas o que se pode inferir é que, se observarmos a natureza dos textos escritos por Mario Lima, o Dr. Zig-zag, poderemos identificar influências híbridas – princípios do catolicismo com princípios da “ética protestante” (Weber, 2004). No texto intitulado “A riqueza”, ele afirma que “a riqueza de um homem, a riqueza de uma nação são boas quando applicadas ao bem, ao progresso” (*O Bem-ti-vi*, 1912, p. 2). Ressaltamos que, apesar de Mario e os irmãos estudarem na Escola Americana, não temos indícios de que seus pais professaram a fé presbiteriana. Possivelmente, aprovavam os princípios da doutrina, do método pedagógico, e/ou fizeram essa opção por conveniência política. As cartas trocadas entre as mulheres da família Teixeira indicam que Alzira T. Rodrigues Lima professava o catolicismo, e que batizou os filhos na Igreja Católica (Carneiro, 2011), enquanto Lima Junior participou de forma ativa da criação do centro espírita (Reis, 2018).

Em decorrência das negociações e estratégias, próprias das disputas pelo poder, efetivou-se a resposta à presença dos protestantes, em meados de 1912, mais precisamente, no dia 16 de julho, com a instalação na cidade do “Colégio” dos Jesuítas, o Instituto São Luiz Gonzaga (A Penna, 1912a, p. 3). Discutiremos sobre isso a seguir, ao apresentarmos o perfil do menino Anísio Teixeira, redator de *O Bem-ti-vi*.

Anísio Spínola Teixeira foi o sétimo⁹ filho do casamento de Deocleciano Pires Teixeira com Anna de Souza Spínola¹⁰. Nasceu a 12 de julho de 1900. Em 1908, uma carta entre as irmãs Spínola Teixeira, Tinha (Hercília) informa para Celsina sobre os estudos dos irmãos menores. Neste trecho, ela revela que “Anísio já está estudando Grammatica, e com muito gosto, porém Mamãe não quer,

⁹ Estamos considerando apenas os filhos que sobreviveram à primeira infância.

¹⁰ Esse foi o terceiro e último casamento de Deocleciano Teixeira. Primeiramente, foi casado com Mariana Spínola, depois com Maria Rita Spínola e por fim com Anna Spínola, três irmãs.

pois elle está muito pequeno e assim cançã a memória muito cedo, elle não quer deixar, diz que quer passar Mario” (APMC, Tilinha. Carta para Sissinha - Celsina, 1908a). Nessa época Anísio estava com 7 anos e percebe-se muito interesse pelos estudos, a ponto de sua mãe achar que o estudo de gramática era precoce, podendo atrapalhar seu desenvolvimento. Percebemos também o desejo do menino em “alcançar” Mario, o sobrinho,¹¹ nos estudos, aquele que anos mais tarde viria a dividir a produção do jornal com ele.

Figura 4: Fotografia de Anísio Teixeira



Fonte: Acervo da Família Teixeira (APMC, 1906b)

Na foto, vemos a imagem de Anísio, com aproximadamente 6 anos. Ele estudou na Escola Municipal de Caetité para o sexo masculino, regida pela professora Maria Theodolina Neves Lobão, mais conhecida como professora Mariquinhas. Prosseguiu seus estudos primários na Escola Nossa Senhora de Lourdes, de propriedade de sua tia Priscila Spínola. Em 1912, foi matriculado no Colégio dos Jesuítas de Caetité, Instituto São Luiz Gonzaga. O jornal *O Bem-ti-vi* publicou em dezembro de 1913 o “resultado geral dos exames finais do 1º anno do Curso Gymnasial [do Instituto São Luiz]. Anísio Spínola Teixeira, distincto com louvor” (*O Bem-ti-vi*, 1913f, p. 4). Em 1916, Anísio Teixeira foi estudar em Salvador, no Colégio Antônio Vieira, também da Ordem dos Jesuítas. Em 1922, ele concluiu o curso de Direito na Universidade do Rio de Janeiro. A partir do ano de 1924, construiu uma significativa carreira na vida pública e educacional, que marcou a história da educação no Brasil, podendo dizer que se tornou “um cidadão illustre”, conforme o ideal propagado no jornal *O Bem-ti-vi*.

A prática da escrita era comum na rotina da família, e as crianças dela participavam ativamente. Em outra carta, do ano de 1908, D. Anna comunica para as filhas que “Anísio hoje ficou muito choroso porque Jayme recebeu um cartão e elle não recebeu, Nelson também queixa que só elle não tem quem mande um cartão” (APMC, Anna Spínola. Carta para Evangelina e Celsina, 1908b). A participação nas culturas do escrito ia além das atividades escolares e de troca de cartas

¹¹ Anísio Spínola Teixeira era irmão da mãe de Mario, por parte do pai, e primo, por parte da sua mãe. Mas considerava-se, na família, o parentesco paterno. Anísio Teixeira tratava Alzira como irmã e Mario como sobrinho.

familiares, estendendo-se a se tornar leitor de uma das revistas infantis que mais circulou no Brasil na primeira metade do século XX, a revista *O Tico-Tico*. Em 1910, *O Tico-Tico* publicou duas vezes, nos meses de outubro e novembro, o nome de Anísio como um dos participantes dos concursos por ela promovidos. A revista publicava o resultado do concurso, o nome do sorteado e os nomes das crianças que enviaram a solução. Anísio enviou a solução dos concursos números 483 e 490.¹² No ano de 1911, o nome dele aparece mais uma vez no resultado de outro concurso, e outra vez, no ano de 1913.

Na produção do jornal *O Bem-ti-vi*, Anísio Teixeira iniciou na função de gerente, depois se tornou redator, tendo sido também autor de textos e tradutor. O aprendizado de línguas estrangeiras fazia parte da educação dessas crianças. A seguir, vemos um livro em francês que pertenceu a Anísio Teixeira quando criança.

Figura 5: Livro em francês pertencente a Anísio Teixeira



Fonte: Acervo da Família Teixeira, (APMC, s/d)

O livro *Le Guide de l'enfance* apresenta uma cor desbotada, mas está bem conservado; assinado na folha posterior à contracapa, encontra-se assinado o nome de Anísio Teixeira. Esse livro de leitura era uma edição francesa, estava na vigésima edição e fazia parte de uma coleção escolar.

Em *O Bem-ti-vi*, Anísio utilizava o pseudônimo de Macário Berimbau. Abaixo, vemos no quadro os textos publicados por ele.

¹² A pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional foi realizada com o nome das crianças envolvidas na produção do jornal e dos/as irmãos/irmãs de Anísio.

Quadro 2: Textos de Macário Berimbau

Número	Título	Página	Espaço ocupado na página
II	Apólogo das árvores (conto)	2	½
II	O menino generoso (conto)	4	1/3
III	A fidelidade (conto)	1-2	¾
IV	A menina teimosa	2	½
VIII (1º)	As aventuras de Turlupino Conclusão O início ou parte/partes estava em outro número não preservado Das edições preservadas, é o primeiro texto que foi publicado em partes.	2	½
VIII (2º)	O menino brioso	2-3	½
IX	A história de Orlando	2	½
X	A história de Orlando	2	1/3

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de exemplares do jornal disponíveis no APMC. Acervo da Família do Barão de Caeté

Esses textos vinham localizados no jornal logo após os textos do Dr. Zig-zag e, geralmente, ocupavam metade de uma página. Os temas tratados por Macário Berimbau giravam em torno das virtudes, com personagens que eram recompensadas ou punidas, de acordo com os seus comportamentos.

A sua educação foi marcada pela tradição católica, principalmente por influência da mãe e das irmãs. Deocleciano Teixeira, como tratamos antes, empenhou-se em negociações, juntamente com o Padre Luiz Pinto Bastos, para trazer o Colégio dos Jesuítas para Caeté. Para a sua instalação, disponibilizou o antigo prédio da Escola Normal.

O Instituto São Luiz Gonzaga oferecia o ensino primário e secundário, apenas para meninos, em regime de internato e externato; funcionava em conexão com o Colégio Antônio Vieira, em Salvador. Iniciou com “tres cursos de instrução primaria e três primeiros anos do Curso Gymnasial” (Madureira, 1929, p. 633). Em 1918, o 3º ano ginásial foi suprimido. Segundo Helena Lima Santos (1995, p. 72), os jesuítas tiveram muita influência na comunidade caetiteense, “nitidamente educativa, facilitando aos pais para seus filhos, um possível ingresso ao ensino superior ou preparando-os com um grau melhor de instrução para seus negócios”. Flávio Neves (1986, p. 38) – que foi aluno do Instituto – afirma que a presença dos jesuítas em Caeté “deixou uma marca inesquecível, pela formação que imprimiram, mormente nas boas letras”, além da instrução religiosa, ensino de francês, inglês, latim, geografia, história e literatura. O fato de Flávio Neves ter estudado no Colégio dos Jesuítas, enquanto os irmãos mais velhos estudaram na Escola Americana,¹³ pode ser justificado pela perda

¹³ A irmã mais velha, Maria Regina Neves, foi professora nessa escola, conforme nota de O Bem-ti-vi, em 16 de junho de 1914b (n. 43, anno II, p. 4).

de prestígio que essa última escola sofreu alguns anos depois de sua fundação. Conforme afirma Madureira (1929, p. 636), “o Collegio [Jesuíta] foi prosperando dia para dia, na mesma proporção em que a escola protestante ia declinando”.

A proposta pedagógica jesuítica era fundamentada nos princípios da Ordem Inaciana, que influenciou as escolas brasileiras desde suas origens. Atendia aos anseios dos setores mais tradicionais da sociedade brasileira, pois suas práticas caracterizavam-se:

pelo autoritarismo do professor e passividade dos alunos; memorização excessiva; ênfase no estudo das línguas, da literatura, filosofia e história, em detrimento das ciências físicas e naturais, cujos conhecimentos eram transmitidos teoricamente, prescindindo das experimentações; dissociação da realidade nacional; enciclopedismo; reação à coeducação; não valorização de atividades práticas e da educação física (Sellaro, 1989, p. 31).

O comportamento dos estudantes era controlado por meio de privações, notas e premiações. O jornal *O Bem-ti-vi* publicou uma matéria sobre “uma symphatica festa cujo fim era premiar os bons estudantes do ano de 1913” (*O Bem-ti-vi*, 1914a, p. 4).

O jornal *O Bem-ti-vi*, não obstante todas as diferenças que permeavam os dois colégios – religiosas, políticas, ideológicas etc., publicou notas referentes tanto à Escola Americana quanto ao Instituto São Luiz. O jornal, como um impresso que circulou na sociedade de Caetité, não deixou aparente nenhum tipo de discordância relativa às duas instituições nos primeiros anos de funcionamento.

Além dos dois redatores, alguns nomes se destacaram no jornal, como Álvaro Neves. Trazemos, também, pela singularidade, uma das duas únicas meninas que, durante todo o período de circulação do jornal, tiveram textos publicados e que pudemos identificar, como veremos a seguir.

Colaboradores do jornal *O Bem-ti-vi*

Álvaro Neves, natural de Caetité, era filho de Antônio Marcelino das Neves e de Dulcina das Neves. Não identificamos a sua data de nascimento, mas inferimos, por alguns indícios, que sua idade era próxima das de Mario e Anísio. No período de publicação de *O Bem-ti-vi*, era aluno da Escola Americana (A Penna, 1912b, p. 2). Segundo seu irmão Flávio Neves (1986, p. 18), ele tocava pistom ou trompete na banda musical Lyra Caetiteense e, “em casa, seus estudos eram acompanhados por um lamentoso uivar do cachorro – Dragão – acorrentado e a protestar contra o que ouvia”.

Álvaro colaborava com *O Bem-ti-vi*, com a escrita de uma história publicada em partes, a partir do número XIV, cujo título era “História de Alfredo”. Das 31 edições preservadas, em 16 delas foi publicada a história da sua autoria. O texto narra a amizade que surge entre um menino “rico”, Alfredo, de família tradicional e estruturada nos moldes convencionais, com um menino “pobre”, Pedrinho, órfão, que morava com a avó. Essa história ocupou muitas das páginas de *O Bem-ti-vi*. A posição de a “História de Alfredo” no jornal não era fixa. Veio inicialmente nas páginas 2 ou 3, e, em alguns números posteriores, foi o texto de abertura. Cada parte ocupava uma média de $\frac{3}{4}$ de uma página.

Na edição de 21 de fevereiro de 1914, *O Bem-ti-vi* noticia o surgimento de um outro jornal na cidade, *O Arrebol*, que tem como um dos redatores, Álvaro Neves (*O Bem-ti-vi*, 1914c).

Mesmo editando o novo jornal, a “História de Alfredo” continuou a ser publicada em *O Bem-ti-vi*. Álvaro, logo depois, mudou-se para a cidade de Belo Horizonte, para continuar os estudos, ficando *O Arrebol* sob a responsabilidade do seu pai. Álvaro diplomou-se pela “Escola de Odontologia e Pharmacia de Bello Horizonte” e, no ano de 1919 encontramos referência de sua atuação na área, em Caetité (A Penna, 1919, p. 2).

Maria Celina e Benjamin eram os irmãos mais próximos de Mario quanto à idade e, na produção do jornal, foram companheiros e colaboraram com o irmão. No trecho a seguir, Benjamin é felicitado no jornal pela passagem do seu aniversário e o texto deixa entrever a sua colaboração: “Passou a 10 do corrente, auspicioso e alegre, o aniversário do nosso distinto amiguinho e apreciado colaborador Benjamim Teixeira Rodrigues Lima, a quem mandamos um abraço de quebrar ossos” (*O Bem-ti-vi*, 1913c, p. 4). Não encontramos textos com a autoria em nome de Benjamin, mas provavelmente, assim como os outros, ele se utilizava de pseudônimo. Outras participações de Benjamin foram em uma propaganda em que aparece como “fotógrafo”, além do texto de despedida, quando ele e Mario estão de partida para Minas Gerais.

Quanto à Maria Celina, ela assina dois textos com o nome de Maria, conforme vemos no quadro a seguir:

Quadro 3: Textos de Maria

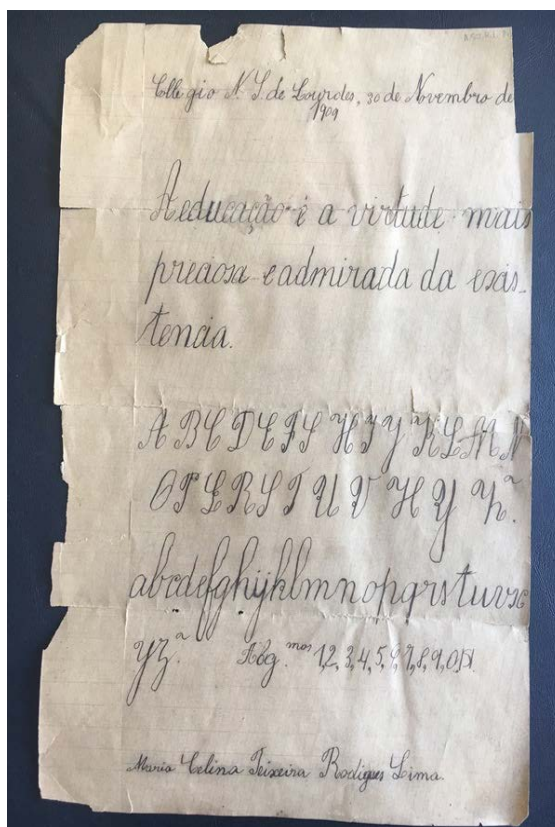
Número	Título	Página	Espaço ocupado na página
II	Um passeio no campo	4	¼
III	O Cavallo	3	½

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de exemplares do jornal disponíveis no APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité

Maria Celina, assim como Mario e provavelmente Benjamin, estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, de sua tia-avó, Priscilla de Souza Spínola (Gumes, 1975, p. 114) e, posteriormente, na Escola Americana. Antes da entrada na escola, a mãe se incumbiu dos primeiros estudos e “prendas domésticas”, conforme o trecho da carta de sua mãe para as irmãs, em 1908: “(...) Mario já está estudando e escrevendo dictado. Celina está estudando commigo, escreve e cose pano de marca” (APMC, Alzira. Carta para Evangelina e Celsina, 1908c).

Abaixo, temos uma imagem de seus escritos, datada de 30 de novembro de 1909, treinando o traçado das letras do alfabeto, maiúsculas e minúsculas, dos números de um a nove, o zero e o que parece ser o símbolo do cifrão. Pela análise de sua assinatura na parte inferior da folha, vemos que sua caligrafia já era cuidadosa e bem traçada. A frase no alto da página nos diz que “A educação é a virtude mais preciosa e admirada da existencia”.

Figura 6: Escrita escolar de Maria Celina



Fonte: Acervo da Família do Barão de Caetité (APMC, 1909b)

Além dos dois textos de Maria Celina, cujos títulos foram citados no quadro 3, há no jornal apenas mais um com a autoria de uma menina, que assina Zaidir; entretanto, não identificamos quem seria essa colaboradora. O título do seu texto é “Meditando”. Narra uma viagem à fazenda com a família, bem no estilo do texto “Um passeio no campo”, de Maria. Inferimos que poderia ser de autoria de outra irmã mais nova de Mario, chamada Zelinda, então com 7 anos.

Nos números preservados da coleção, constam apenas esses três textos com a autoria de meninas, nas edições de número II, III e IV. Não localizamos as edições I, V e VI. O que podemos afirmar é que, a partir da edição de número VII, não aparece mais nenhum texto de autoria feminina. Por que nos números iniciais eles apareceram e depois não foram mais publicados? O que isso pode nos dizer? Será que as atividades de produzir e publicar nos jornais não eram consideradas adequadas para meninas? A escrita feminina em jornais não atendia aos padrões da época? Será que os editores sofreram críticas/retaliações nas publicações anteriores? Assim, nas edições posteriores, observamos apenas textos da autoria de meninos e homens, com exceção de um texto de uma mulher, Ignez Sabino, e de outro em que Ana Osório divide a autoria com Paulino de Oliveira. No início do século XX, segundo Jamilly Nicolete e Jane Almeida (2017), transparecia na imprensa periódica brasileira uma masculinidade imposta como modelo padrão que, de forma gradual, principalmente na imprensa de menor circulação, foi sendo rompido pela luta das próprias mulheres que escreviam, reclamando por mais direitos e por espaço para expor as suas inquietações.

Considerações finais

A análise do jornal permite concluir que sua produção não era uma atividade limitada aos redatores, mas envolvia uma rede de parentes/amigos/conhecidos. As primeiras edições tiveram mais textos de autoria dos redatores, mas, aos poucos, verifica-se o aumento da quantidade de textos recebidos de colaboradores diversos.

A produção do jornal *O Bem-ti-vi*, provavelmente, foi uma experiência que agregou muitos conhecimentos no processo formativo dos redatores, bem como no de todos os demais atores envolvidos, a começar pela atividade de leitura, de escrita, de seleção de textos e de organização da edição do jornal.

Ainda na escola primária, os meninos redatores escreveram poemas, textos em prosa, aprenderam gramática da língua portuguesa e outros idiomas. Muito provavelmente, foi quando leram Olavo Bilac, Barão de Macaúbas e conde Afonso Celso, autores referidos no impresso. Possuíam muitos livros de leitura, compêndios, livros de francês, como vimos na biblioteca da família Teixeira, pertencente ao menino Anísio. Pensavam os meninos e seus familiares que os esforços seriam aproveitados depois? Que logo iriam utilizar tantos conhecimentos para produzirem um jornal?

Não tardou e o ano de 1912 chegou com a mudança de escola para os dois meninos. Cada um tomou um rumo escolar diferente, passando a estudar em instituições de diferentes tradições: Mario Lima foi para a Escola Americana e Anísio Teixeira, para o Instituto São Luiz. Partimos do pressuposto que esse período foi crucial para o planejamento da produção do jornal. Nos colégios, os dois meninos conheceram professores novos; e estudantes da região começaram a chegar em Caetité. Foi um período de entusiasmo com as perspectivas de progresso, promessas da chegada da estrada de ferro, que animava as pessoas (A Penna, 1911, p. 3-4). Ressaltamos ainda que o reaparecimento do jornal que circulou na cidade, *A Penna*, no final do ano de 1911, deve ter causado impacto nas leituras, nas conversas e nas discussões sobre as notícias publicadas. Provavelmente, essas condições suscitaram nesses meninos de elites a intenção de produzirem o próprio jornal.

As influências do tipo de educação propiciada pela Escola Americana e pelo Instituto São Luiz podem ser percebidas no jornal. Há um hibridismo entre, de um lado, os ideais humanistas e os valores tradicionais; de outro, as coisas práticas da vida, com o progresso, a valorização do empenho, do trabalho, do aproveitamento das diversas possibilidades que o meio oferece, como a exploração das potencialidades do cavalo, do cultivo da banana, a industrialização do imbu, a criação de gado, ressaltando o interesse do fazendeiro, do governo e do lavrador. O jornal era porta-voz de uma classe dirigente que tinha a função de alertar, educar, indicar caminhos e fazer-se reconhecida.

Desse modo, as mazelas sociais precisavam ser combatidas pelos “homens do governo”, isso se a “vozinha” de *O Bem-ti-vi* “chegasse lá no alto”. A modéstia quanto à produção do jornal se fez presente em alguns textos, confrontando com os muitos elogios recebidos. Segundo Bourdieu (2013, p. 109), essa atitude faz parte da criação de uma ordem social em que se utiliza de “estratégias simbólicas visando mudar a posição pela manipulação das representações da posição, como as que consistem, por exemplo, em negar as distâncias (mostrando-se ‘simples’, fazendo-se ‘acessível’) para melhor suscitar seu reconhecimento”.

Assim, acreditamos que o estudo do impresso, principalmente do perfil de seus redatores e de alguns de seus colaboradores, explorados neste artigo, contribui para compreender o papel da palavra escrita nos processos de produção e reprodução das elites econômicas e intelectuais na história brasileira.

Referências

A PENNA. *Caetité*, n. 1, anno I, 19 dez., p. 3-4, 1911.

A PENNA. *Caetité*, n. 13, anno I, 21 jun., p. 3, 1912a.

A PENNA. *Caetité*, n. 196, anno VIII, 7 ago., p. 2, 1919.

A PENNA. *Caetité*, n. 24, anno I, 20 nov., p. 2, 1912b.

ALMANAK LAEMMERT. *Administrativo, Mercantil e Industrial*. v. III, p. 255, 1930. <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/almanak-administrativo-mercantil-industrial-rio-janeiro/313394>.

ANISIO ESPINOLA TEIXEIRA. In: *Verbete*. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, [s. d].
<https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/anisio-espinola-teixeira>

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Acervo da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Livro em francês pertencente a Anísio Teixeira (s/d). Série: Álbum de fotografias. Data-limite: 1866-1917. Resumo Sinóptico: Catálogo 1-30. Notação: Caixa 01.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Fotografia de Mario com os irmãos (data aprox. 1906a). APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité. Série 07, Alzira S. T. R. Lima, Subsérie 08, caixa 19.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Acervo da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Fotografia de Anísio Teixeira (data aprox. 1906b). Série: Álbum de fotografias. Data-limite: 1866-1917. Resumo Sinóptico: Catálogo 1-30. Notação: Caixa 01.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Poesia escrita por Mario (data aprox. 1909a). APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité. Série 07, Alzira S. T. R. Lima, Subsérie 08, caixa 19.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Escrita escolar de Maria Celina (1909b). APMC. Acervo da Família do Barão de Caetité. Série 07, Alzira S. T. R. Lima, Subsérie 08, caixa 19.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Caetité. ALZIRA. Carta para Evangelina e Celsina. Caetité, 7 de abril de 1908c. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 2, maço 3.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Caetité. ALZIRA. Carta para Celsina. Caetité, 30 de março de 1912. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 2, caixa 1.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Caetité. ANNA SPÍNOLA. Carta para Evangelina e Celsina. Caetité, 7 de maio de 1908b. APMC, Fundo: Acervo da família de Deocleciano Teixeira. Grupo: Celsina T. Ladeia. Série: Correspondências pessoais, caixa 1, maço 4.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Caetité. Inventário post mortem de Mario Teixeira Rodrigues Lima. Caixa 18. Fundo: Cartório dos feitos cíveis e criminais. Série: Autos cíveis. Subsérie: Arrolamento. Data-limite: 1975-1980, cx. 18.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAETITÉ (APMC). Caetité. TILINHA. Carta para Sissinha (Celsina). Caetité, 21 de fevereiro de 1908a. APMC, Fundo: Acervo particular da família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Grupo: Celsina Teixeira Ladeia. Série: Correspondências pessoais, maço 1, caixa 1.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. *Novos estudos*, CEBRAP, n. 96, p.105-115, 2013.

CARNEIRO, Giane Araújo Pimentel. *As práticas educativas familiares no processo de distinção geracional criança/adulto em Caetité-BA, 1908-1930*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CARNEIRO, Giane Araújo Pimentel. *De pennas vacillantes em mãos infantis à produção do jornal O Bem-ti-vi: Culturas do escrito e crianças de elites em Caetité, BA (1899-1914)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010. p. 65-95.

GONDRA, José Gonçalves. A emergência da infância. *Educação em Revista*, v. 26, n. 1, p. 195-214, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100010>

GONDRA, José Gonçalves; GARCIA, Inára. A arte de endurecer “miolos moles e cérebros brandos”: a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, p. 69-84, 2004. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000200006>

GUMES, Marieta Lobão. *Caetité e o “Clã” dos Neves*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1975.

MADUREIRA, José Manuel de. *A liberdade dos índios. A Companhia de Jesus. Sua pedagogia e seus resultados*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1929.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

NEVES, Flávio. *Rescaldo de saudades*. Belo Horizonte: Academia Mineira de Letras, 1986.

NICOLETE, Jamilly Nicácio; ALMEIDA, Jane Soares de. Professoras e rainhas do lar: o protagonismo feminino na imprensa periódica (1902-1940). *Educar em Revista*, Edição Especial, n. 2, p. 203-220, 2017. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.50841>

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n. 42, anno II, 31 maio, p. 4, 1914a.

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n. 43, anno II, 16 jun., p. 4, 1914b.

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n. XXXV, anno II, 21 fev., p. 3, 1914c.

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n. IV, anno I, 19 nov., p. 1-2, 1912.

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n. XXII, anno I, 7 ago., p. 2, 1913b.

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n. XXIX, anno II, 28 nov., p. 3-4, 1913e.

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n. XXV, anno, 19 set., p. 4, 1913c.

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n. XXVI, anno I, 5 out., p. 1, 1913d.

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n. XXX, anno II, 12 dez., p. 4, 1913f.

O BEM-TI-VI. *Caetité*, n.VII, anno I, 22 jan., p. 4, 1913a.

O PHAROL, Rio de Janeiro, n. 101, anno LII, 1 maio 1917, p. 1.

<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/35298>

REIS, Joseni Pereira Meira. *Letramentos em uma instância religiosa: o caso do Centro Psychico de Caetité, Bahia (1905-1930)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SANTOS, Helena Lima. *Caetité – “Pequenina e Ilustre”*. 2.ed., Salvador: Gráfica N.S. de Lorêto, 1995.

SELLARO, Lêda Rejane Accioly. Educação e religião: colégios protestantes em Pernambuco, na década de 20. *Tóp. Educ.*, v. 7, n. 1-2, p. 22-42, 1989.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/topicoseduacionais/article/view/230926>

SILVA, Jamir Guimarães da. *Central Brazil Mission: Conflitos e resistências durante a implantação e a atuação da Escola Americana de confissão de fé presbiteriana no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1900 - 1926)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

VILAS-BÔAS, Ester Fraga. A Influência da Pedagogia Norte-Americana na Educação em Sergipe e na Bahia reflexões iniciais. *Revista Brasileira de História da Educação*, n.2, p. 9-38, 2001.

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38740>

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Contribuição dos autores: **Autor 1** - concepção e delineamento da pesquisa; construção e tratamento dos dados; análise e interpretação dos dados; elaboração da primeira versão do artigo;

Autor 2 - concepção e delineamento da pesquisa; análise e interpretação dos dados; participação na elaboração do texto final.

Apoio ou financiamento: Não se aplica.

Disponibilidade dos dados da pesquisa: Todo o conjunto de dados que embasam os resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Editora responsável - Editora-chefe: Angela Scalabrin Coutinho

Revisora: Olívia Nogueira de Almeida

Como citar este artigo:

CARNEIRO, Giane Araújo Pimentel; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. A criança e seus escritos no início do século XX: Anísio Teixeira e Mário Lima na produção do jornal o Bem-ti-vi. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 42, e94110, 2026. <https://doi.org/10.1590/1984-0411.94110>

Recebido em: 18/01/2024

Aprovado em: 30/08/2024

